

# Manifestações Religiosas

Produzido por:  
Coordenadoria de Comunicação Social – CEAP

## Candomblé

Culto das forças da natureza, de origem totêmica e familiar, é uma das religiões afro-brasileiras praticadas principalmente no Brasil, pelo chamado povo do santo, mas também em outros países como Uruguai, Argentina, Venezuela, Colômbia, Panamá e México. Na Europa: Alemanha, Itália, Portugal e Espanha.

A religião que tem por base a alma (alma) da Natureza, sendo portanto chamada de **anímica**, foi desenvolvida no Brasil com o conhecimento dos sacerdotes africanos que foram escravizados e trazidos da África para o Brasil, juntamente com seus Orixás/Inquices/Voduns, sua cultura, e seu idioma, entre 1549 e 1888. O culto perpetuado no Brasil é monoteísta, ao contrário do que alguns estudiosos afirmam, pois concentra-se em um Deus Supremo e Único, com nomes que variam de acordo com cada etnia.

Embora confinado originalmente à população de negros escravizados, proibido pela igreja católica, e criminalizado mesmo por alguns governos, o candomblé prosperou nos quatro séculos, e expandiu consideravelmente. Em levantamentos recentes, aproximadamente 3 milhões de brasileiros (1,5% da população total) declararam o candomblé como sua religião. Na cidade de Salvador existem 2.230 terreiros registrados na Federação Baiana de Cultos Afro-brasileiros e catalogado pelo Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, (Universidade Federal da Bahia) Mapeamento dos Terreiros de Candomblé de Salvador. Entretanto, na cultura brasileira as religiões não são vistas como mutuamente exclusivas, e muitos povos de outras crenças religiosas — até 70 milhões, de acordo com algumas organizações culturais Afro-Brasileiras — participam em rituais do candomblé, regularmente ou ocasionalmente. Orixás do Candomblé, os rituais, e as festas são agora uma parte integrante da cultura e uma parte do folclore brasileiro.

**Nações** – Os negros escravizados no Brasil pertenciam a diversos grupos étnicos, incluindo os yoruba, os ewe, os fon, e os bantu. Como a religião se tornou semi-independente em regiões diferentes do país, entre grupos étnicos diferentes evoluíram diversas "divisões" ou *nações*, que se distinguem entre si principalmente pelo conjunto de divindades veneradas, o atabaque (música) e a língua sagrada usada nos rituais.

**Cadomblé Ketu** – Cultuam os orixás, cujo Deus Supremo e criador é Olodumare. No início do século XIX, as etnias africanas eram separadas por confrarias da Igreja Católica na região de Salvador, Bahia. Dentre os escravos pertencentes ao grupo dos Nagôs estavam os Yoruba (*Iorubá*). Suas crenças e rituais são parecidos com os de outras nações do Candomblé em termos gerais, mas diferentes em quase todos os detalhes. Concentrado em Salvador, depois da transferência do Candomblé da Barroquinha para o Engenho Velho, passou a se chamar Ilê Axé Iyá Nassô mais

conhecido como Casa Branca do Engenho Velho sendo a primeira casa da nação Ketu no Brasil de onde saíram as Iyalorixás que fundaram o Ilê Axé Opô Afonjá e o Terreiro do Gantois;

**Candomblé Bantu** – Cultuam os nkinsis, onde o Deus Supremo e criador é Nzambi. A palavra **Bantu** compreende **Angola** e **Congo**, é uma das maiores nações do Candomblé, uma religião Afro-Brasileira. Desenvolveu-se entre escravos que falavam Quimbundo e Quicongo. Os **bantos** (grafados ainda **bantu**) constituem um grupo etnolinguístico localizado principalmente na África subsariana que engloba cerca de 400 subgrupos étnicos diferentes. A unidade deste grupo, contudo, aparece de maneira mais clara no âmbito linguístico, uma vez que essas centenas de subgrupos têm como língua materna uma língua da família banta;

**Candomblé Jeje** – Cultuam os voduns, cujo Deus Supremo e criador é Mawu. A palavra Jeje vem do yorubá adjeje que significa estrangeiro, forasteiro. Nunca existiu nenhuma nação Jeje na África. O que é chamado de nação Jeje é o candomblé formado pelos povos fons vindo da região de Dahomey (atual Benin) e pelos povos mahins. Jeje era o nome dado de forma pejorativa pelos yorubás para as pessoas que habitavam o leste, porque os mahins eram uma tribo do lado leste e Saluvá ou Savalu eram povos do lado sul. O termo Saluvá ou Savalu, na verdade, vem de "Savé" que era o lugar onde se cultuava Nanã. Nanã, uma das origens das quais seria Bariba, uma antiga dinastia originária de um filho de Oduduá, que é o fundador de Savé (tendo neste caso a ver com os povos fons). O Abomei ficava no oeste, enquanto Ashantis era a tribo do norte. Todas essas tribos eram de povos Jeje, (Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo) – língua ewe e língua fon (*Jeje*);

**Candomblé Ijexá** – os **Ijexás** são um sub-grupo étnico dos Yorubas, oriundos da localidade de Ogbomoso - Nigéria. Conhecida nação do Candomblé, seus cultos encontram-se em maior quantidade na região de Salvador, Bahia. No Rio de Janeiro, um terreiro em Belfor Roxo, Baixada Fluminense, mantém a tradição do culto Ijexá (Pai Zezito de Oxun);

**Candomblé de Caboclo** – Além do culto aos Orixás, Voduns ou Nkisis, cultua também espíritos ameríndios chamados de entidades, catiços ou caboclos boiadeiros, gentileiros. Inicialmente na Bahia os Candomblés não tradicionais, eram na maioria caboclos, que é um misto de Keto, Jeje e Angola. É uma espécie de candomblé nacionalizado, que toma por base a ortodoxia do candomblé jeje-nagô. Trata-se de exemplo nítido do sincretismo religioso popular no Brasil. Registram-se hinos especiais de cada encantado ou caboclo, cantados em português, que são declarações de seus dons espirituais.

### **Batuque (Rio Grande do Sul)**

O Batuque é uma religião onde se cultuam vários Orixás, oriundos de várias partes da África, e suas forças estão em parte dentro dos terreiros, onde permanecem seus assentamentos e na maior parte na natureza: rios, lagos, matas, mar, pedreiras, cachoeiras etc., onde também se invocam as vibrações dos Orixás. A estruturação do Batuque no estado do Rio Grande do Sul deu-se no início do século XIX, entre os anos

de 1833 e 1859 (Correa, 1988 a:69). Tudo indica que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas. Tem-se notícias, em jornais desta região, matérias sobre cultos de origem africana datadas de abril de 1878, (Jornal do Comércio, Pelotas). Já em Porto Alegre, as notícias relativas ao Batuque, datam da segunda metade do século XIX, quando ocorreu a migração de escravos e ex-escravos da região de Pelotas e Rio Grande para Capital. Lembrando sempre que a língua usada é a Yoruba.

Os rituais do Batuque seguem fundamentos, principalmente das raízes da nação Ijexá, proveniente da Nigéria, e dá lastro as outras nações como o Jêje do Daomé, hoje Benim, Cabinda (enclave Angolano) e Oyó, também, da região da Nigéria. O Batuque surgiu como diversas religiões afro-brasileiras praticadas no Brasil, tem as suas raízes na África, tendo sido criado e adaptado pelos negros no tempo da escravidão. É da Junção de todas estas nações que se originou esta cultura conhecida como Batuque.

### **Batuque (Amazonas) ou Babaçuê**

Versão local, em Belém PA, do rito jeje-nagô. O Babaçuê se assemelha em muitos pontos ao candomblé de caboclo. Canta-se e dança-se ao ritmo de três abadãs (tambores), um xequeré (cabaça) e um xeque (chocalho de folha-de~flandes). Os hinos denominam-se doutrinas e podem ser cantados em língua africana ou em português, segundo os espíritos com que se relacionam. O Batuque seria, para alguns pesquisadores, uma variedade desse rito.

### **Cabula**

Nome pelo qual foi chamada, na Bahia, uma religião sincrética que passou a ser conhecida no final do século XIX com o fim da escravidão, com caráter secreto e fundo religioso. É também o nome de um bairro de Salvador que teve origem do Quilombo do Cabula e de um ritmo da Diáspora musical africana no Brasil, toque de percussão religioso de Angola, base rítmica do samba, música de origem sudanesa. A **Cabula**, considerada como precursora da Umbanda, persiste ainda como forma de culto nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Santa Catarina.

### **Catimbó ou Catimbó-Jurema**

Conjunto específico de atividades mágico-religiosas, originárias da Região Nordeste do Brasil. Conhecido desde meados do século XVII, o catimbó resulta da fusão entre as práticas de magia provenientes da Europa e rituais indígenas de pajelança, que foram agregados ao contexto das crenças do catolicismo. Conforme a região de culto, influências africanas podem ser notadas. O catimbó, por sua diversidade ritualística, se ramifica em três linhas: Jurema de Chão, Jurema de Mesa e Jurema de Terreiro.

A Jurema (*Mimosa hostilis*), nativa do agreste e sertão nordestinos, é um arbusto Fabáceo, do qual se fabrica uma bebida psicoativa de mesmo nome. Tal bebida, também conhecida como *Vinho da Jurema*, é composto por uma variedade de ervas, ao qual se adiciona cachaça ou vinho branco. A ingestão da Jurema, em conjunto com os *toques*, as cantigas rituais do catimbó, provoca um estado de transe profundo, interpretado pelos Catimbozeiros, como a incorporação dos *Mestres da Jurema*. Estas entidades espirituais, que supostamente habitariam o *Mundo Encantado* ou *Juremá*, teriam sido adeptos do catimbó que, ao morrerem, se "encantaram", ou seja, foram

milagrosamente transportados a este estamento espiritual, de onde poderiam atender os vivos pela realização de curas e aconselhamento, desde que para tal fossem requeridos através da incorporação.

## **Jurema Sagrada**

*O uso ritual da Jurema, uma bebida sagrada feita a partir de plantas do mesmo nome (sobretudo *Mimosa tenuiflora*, anteriormente chamada *Mimosa hostilis Benth.*) pelos povos autóctones do Brasil, aparece pela primeira vez em um documento escrito no Recife, Pernambuco, datado de 1739, que trata do seu uso pelos indígenas das missões da Paraíba. Sua aparição nas fontes coloniais luso-brasileiras do século XVIII pode indicar novas dinâmicas socioculturais nas fronteiras coloniais do Nordeste. O uso dessa bebida sagrada parece ter suas origens bem anteriores à chegada dos colonizadores, talvez de muitos séculos, assim como podemos destacar sua permanência nos dias atuais, seja entre os indígenas do Nordeste, como elemento central de suas crenças e cosmogonias, seja entre as populações rurais e urbanas em contextos religiosos que sincretizam cristianismo e cultos afro-brasileiros.*

Jurema Sagrada, como tradição religiosa, ainda é um assunto pouco estudado. É uma tradição nordestina que, em suas múltiplas formas atuais, revela influências as mais variadas, e que vão desde a feitiçaria européia até a pajelança indígena, passando pelas religiões africanas, pelo catolicismo popular, e até mesmo pelo esoterismo moderno e pelo cristianismo esotérico, além de, em certos casos, estabelecer a diferença principal entre as práticas de umbanda e do catimbó.

## **Omokô**

Palavra composta que deriva de duas outras, oriundas da língua Iorubá com três versões distintas, segundo sua interpretação. No primeiro ramo de análise, que é a versão da Sr<sup>a</sup> Léa Maria Fonseca da Costa,<sup>[1]</sup> Mãe-de-santo de Omokô quer dizer: “Omo” que significa “Filho” “Loko” referindo-se a árvore Iroko e tem o sentido de algo como “Filhos da Gameleira Branca”.

No segundo ramo de análise, que é a versão do Sr<sup>o</sup> Tancredo da Silva Pinto,<sup>[2]</sup> Tatá Ti Inkice (pai de santo de Angola), em seu livro Culto Omokô – Os Filhos de Terreiro – “Omokô significa: “Omo” – Filho e “Okô” – Fazenda, zona rural onde esse culto, por causa da repressão policial que havia naquela época, os rituais eram realizados na mata ou em lugar de difícil acesso dentro das fazendas dos donos de escravos.

Por fim, pode-se ainda relacionar o significado da palavra Omokô também ao Orixá Okô, o orixá da agricultura, que era adorado nas noites de lua nova pelas mulheres agricultoras de inhame. Antigamente, o Orixá Okô era muito cultuado no Rio de Janeiro.

Independente das versões é sabido que o nome Omokô define um culto originário do Rio de Janeiro com práticas rituais e de culto aos Orixás e que aceita cultos, aos Caboclos, aos Pretos-velhos e demais Falangeiros de Orixás da Umbanda. O culto Omokô é apontado por estudiosos do assunto e praticantes como um dos principais influenciadores da formação da Umbanda africanizada ao lado do Candomblé de Caboclo, do Cabula e do próprio Candomblé. Teria surgido, segundo Tancredo da Silva Pinto entre o povo africano Lunda-Quiôco. É chamado erroneamente de Umbanda Omokô, pois se difere desta por ter características singulares aos seus preceitos tais como matanças, vestimentas, e etc...

## **Pajelança**

No caso da pajelança (Amazonas, Pará, Piauí, Maranhão), o elemento gerador é genuinamente ameríndio. As curas são levadas a efeito pelos pajés, verdadeiros xamãs indígenas. O instrumento básico de pajelança é o maracá, instrumento sagrado do pajé. As cerimônias acompanham-se sempre de cantos e danças para divertir os espíritos. Os cantos são melodias folclóricas conhecidas; as danças, exercícios mímicos, com rugidos e uivos imitativos dos animais invocados. Uma versão da pajelança amazônica é a **Encanteria ou Encantaria piauiense**, fortemente aculturada com o catolicismo popular. Na Encantaria, os crentes repetem várias vezes certa quadra rogatória de purificação, após o que o pai-de-santo dança em volta da guna (forquilha central da sala), no centro de um círculo formado por todos os dançantes, que giram sobre si mesmos da direita para a esquerda. Em torno do mestre, que entoia cantos (aié) para que algum moço (espírito) se aposses de seu aparelho (filho ou filha-de-santo) e cante sua doutrina, dançando em transe.

### **Tambor de Mina**

Denominação mais difundida das religiões Afro-brasileiras no Maranhão e na Amazônia. A palavra tambor deriva da importância do instrumento nos rituais de culto. Mina deriva de negro-Mina de São Jorge da Mina, denominação dada aos escravos procedentes da “costa situada a leste do Castelo de São Jorge da Mina” (Verger, 1987: 12), no atual República do Gana, trazidos da região das hoje Repúblicas do Togo, Benin e da Nigéria, que eram conhecidos principalmente como negros mina-jejes e mina-nagôs.

Como as demais religiões de origem africana no Brasil (Candomblé, Umbanda, Xangô, Xambá, Batuque, Toré, Jarê e outras), o tambor de mina se caracteriza por ser religião iniciática e de transe ou possessão. No tambor de mina mais tradicional a iniciação é demorada, não havendo cerimônias públicas de saída, sendo realizada com grande discricção no recinto dos terreiros e poucas pessoas recebem os graus mais elevados ou a iniciação completa.

Existem dois modelos principais de tambor de mina no Maranhão: mina jeje e mina nagô. O primeiro parece ser o mais antigo e se estabeleceu em torno da **Casa grande das Minas Jeje** (Querebentan de Zomadônu), o terreiro mais antigo, que deve ter sido fundado em São Luís na década de 1840. O outro, que lhe é quase contemporâneo e que também se continua até hoje é o da **Casa de Nagô**, localizada no mesmo bairro (São Pantaleão) a uma quadra de distância. Na cidade de Codó, no Maranhã, encontra-se um culto derivado do Tambor de Mina chamado de **Terecô**, com semelhanças significativas em relação a Umbanda.

### **Toré**

Para os índios Xucurus-Cariris, El-U-KA é o senhor do mundo e criador de todas as coisas. Deus para os católicos. Toré é o verbo encarnado, elemento de ligação entre El-U-KA e os homens. Corresponde a Jesus para os católicos. Para agradecer e agradecer a essas divindades, ou para rezar suas orações, os cablocos dançam em círculos, fazem movimentos coreográficos simples e ritmados. Ora, os brancos ouvindo os índios dizerem quem iam cultuar Toré, entenderam que a dança ritual possuía esse nome, e

Toré passou a designar, para os homens brancos, a dança dos índios. Esse erro de interpretação permanece até hoje.

O ritual do Toré, realizado no Ouricuri, espaço sagrado aonde acontecem os rituais, é o nome dado ao ritual, mas também ao canto e a dança. Toré é o símbolo da resistência dos índios do Nordeste ou “índios misturados”.

Na tribo Kariri-Xocó, como o nome mesmo diz, duas etnias foram misturadas, tendo dois caciques e dois pajés, na liderança política e espiritual do grupo. Todos são exímios cantores e dançarinos do Toré, da criança de cinco anos, aos velhos do conselho de 90 à 100 anos, assim como curandeiros e especialistas na cura de ervas.

## **Umbanda**

Religião oriunda do sincretismo religioso entre os deuses do Panteão Africano e os santos da Igreja Católica. Nascida nas senzalas foi decodificada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas em novembro de 1908, numa sessão espírita kardecista, na cidade de Niterói (RJ). Os cânticos denominam-se *pontos* e, como no candomblé, têm a função de chamar o santo, que se incorpora nos filhos-de-santo, ou médiuns. Como no candomblé, os orixás se comunicam diretamente com as pessoas em poucas oportunidades; preferem fazê-lo por intermédio de entidades intermediárias, pretos velhos, exus, caboclos e ibejadas (crianças). A religião assimilou conceitos do espiritismo kardecista, da tradição cigana e da religiosidade hindu.

## **Xangô do Nordeste**

Também conhecido como **Xangô do Recife**, **Xangô de Pernambuco** ou **Nagô Egbá**. Em todo o Nordeste da Paraíba à Bahia, a influência dos Yoruba prevalece a dos Daomé. Esta é a zona mais conhecida quanto às religiões africanas, a que deu lugar a maior número de pesquisas e de trabalhos. Se encontra duas palavras para designá-las, a de **Xangô** em Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, e de Candomblé na Bahia, esta dualidade de nomes, que não são nomes dados pelos negros, mas sim pelos brancos em virtude da popularidade e importância de Xangô nessa região, e Candomblé por designar toda dança dos negros, tanto profanas como religiosas.

Ainda que com características próprias, o Xangô é considerado por estudiosos, a versão local, em Pernambuco, Paraíba e Alagoas, do candomblé. Xangô é também a denominação, em língua africana, do orixá jeje-nagô das tempestades, raios e trovões, cultuados em vários estados do Brasil. O ritmo do xangô é fortemente marcado por instrumentos percussivos. A dança se caracteriza pelo aspecto guerreiro, com os braços em ângulo reto e as mãos viradas para cima.

## **Xambá ou Tchambá**

Diversos autores apontam o povo Xambá ou Tchambá, como povos que habitavam a região ao norte dos Ashanti e limites da Nigéria com Camarões, nos montes Adamaua, vale do rio Benué. Existem várias famílias com esse nome, nos Camarões, tendo inclusive participado nas lutas pela independência daquele país.

No início da década de 1920, o Babalorixá Artur Rosendo Pereira, fugindo da repressão policial às casas de culto Afro-brasileiro, deixa Maceió e passa a morar no Recife. Na capital de Pernambuco, na Rua da Regeneração, no bairro de Água Fria, por volta de 1923, reinicia suas atividades de zelador dos Orixás, segundo os rituais e tradições da Nação Xambá, cujos axés foi buscar na Costa da África, onde permaneceu pôr quatro anos, aprendendo com “Tio Antônio, que vendia painéis no mercado de Dakar, no Senegal”, segundo René Ribeiro. Artur Rosendo iniciou muitos filhos de santo e vários deles abriram terreiro posteriormente. Dentre esses filhos, Maria das Dores da Silva (Maria Oyá), que fez sua iniciação em 1927. Em fevereiro de 1928, Maria Oyá começa a cultuar os Orixás, na Rua do Limão, em Campo Grande , tendo Artur Rosendo como Babalorixá e Iracema (Cema), como Yalorixá, inaugurando seu terreiro em 7 de junho de 1930.

Violenta repressão policial fecha o terreiro em 1938, que manteve o culto aos Orixás à portas fechadas. Porém, ao contrário do que afirmam Olga Caciatore e Reginaldo Prandi, o Culto Africano da Nação Xambá, está longe da extinção, pois o Terreiro do Portão do Gelo, em Olinda, mantém-se há mais 70 anos, vivo e atuante, preservando seus ritos e tradições religiosas, que se distinguem das casas de tradição Nagô do Recife. É verdade que, após o falecimento do Babalorixá Arthur Rozendo em 1950, a maioria das Casas Xambá de Pernambuco fundiram-se com as da Nação Nagô, excetuando-se a fundada por Maria Oyá, o axé de Oyá Dopé.

#### **Fontes de Pesquisa:**

- [www.wikipedia.org/wiki/Candomblé](http://www.wikipedia.org/wiki/Candomblé), em 04/03/2010;
  - [www.candombleketu.net](http://www.candombleketu.net), em 04/03/2010.
  - “Os nagôs e a morte”, Juana Elbein – Editora Vozes
- [http://www.claudialima.com.br/pdf/CANDOMBLE\\_XANGO\\_TAMBOR\\_DE\\_MINA\\_BATUQUE\\_M\\_ACUMBA.pdf](http://www.claudialima.com.br/pdf/CANDOMBLE_XANGO_TAMBOR_DE_MINA_BATUQUE_M_ACUMBA.pdf), em 04/03/2010
- [www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Mina%20e%20Umbanda.pdf](http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Mina%20e%20Umbanda.pdf)
  - [http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia\\_n15\\_p56.pdf](http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n15_p56.pdf)
  - [www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br)
  - [www.museudoindio.org.br](http://www.museudoindio.org.br)
  - [www.museudoindiopa.com.br](http://www.museudoindiopa.com.br)
  - [http://raizesdatradicao.uol.com.br/com.php?menu=3416&page\\_id=237](http://raizesdatradicao.uol.com.br/com.php?menu=3416&page_id=237)
  - <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-aco-es/mapeamento-cultural-1/cultura-popular/folguedos-dancas-e-tores/tores/tore-de-indios/>
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pajelan%C3%A7a>